

## Representações visuais em disputa: uma análise das charges publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a campanha eleitoral de 1989

LEISA ALVES RIBEIRO\*

### Resumo

A charge é um meio importante de observar a realidade e esteve presente nos principais jornais durante a eleição presidencial de 1989. Como sabemos, tal eleição foi um dos acontecimentos mais significativos da década, devido ao longo tempo em que ficamos sem votar para presidente em razão da ditadura militar. A *Folha de S. Paulo*, um dos jornais de grande circulação nacional, utilizou esse recurso lúdico e cômico para estabelecer um diálogo com seus leitores a respeito dos fatos que marcavam aquele processo eleitoral. Por meio dos traços dos chargistas, os vários momentos daquela campanha eram comentados na página 2 do jornal. Considerando este momento singular na história do Brasil dentro do processo de redemocratização, este trabalho tem como objetivo analisar a construção da linguagem cômica a respeito da eleição presidencial de 1989, assim como sua relação com o posicionamento político do jornal.

**Palavras-chave:** Charges políticas; grande imprensa; jornal *Folha de S. Paulo*; redemocratização.

### Abstract

The charge is an important way of observing reality and has appeared in major newspapers during the 1989 presidential election. As we know, these elections were one of the most important events of the decade due to the long time that we are not voting for president because of the military dictatorship. *Folha de S. Paulo*, one of the major newspapers of national circulation, we used this feature playful and comical to establish a dialogue with its readers about the events that marked that the electoral process. Through the traces of the cartoonists, the various moments of that campaign were discussed in two of the newspaper page. Considering this unique moment in the history of Brazil in the process of democratization, this paper aims to analyze the construction of language comedy about the 1989 presidential election, as well as its relationship with the political stance of the newspaper.

**Key words:** Political cartoons; mainstream media; the newspaper *Folha de S. Paulo*; redemocratization.



\* **LEISA ALVES RIBEIRO**, Mestre em História da Educação pela PUC/SP, junto ao departamento de Educação; foi pesquisadora do PROIN/USP. Atualmente é professora da rede Estadual e Municipal de ensino. O trabalho aqui apresentado é resultado da pesquisa para conclusão do curso promovido pelo REDEFOR/UNICAMP.

## Introdução

As charges marcaram vários momentos da história brasileira e sua presença não iria faltar em um evento tão esperado como a eleição presidencial de 1989. Após 21 anos de ditadura militar e 29 anos sem eleições presidenciais, o Brasil estava vibrante nessas eleições. No total eram 22 chapas concorrendo; entre os principais candidatos estavam Fernando Collor de Mello (PRN), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB), Ulysses Guimarães (PMDB), Paulo Maluf (PDS) e Roberto Freire (PCB). Surgem, neste momento, partidos novos como o de Fernando Gabeira (Partido Verde) e personalidades cômicas como a de Enéias Carneiro, do PRONA, que marcou o horário eleitoral ao gritar “Meu nome é Enéias” nos segundos finais do programa de seu partido. Outro personagem do cenário brasileiro que tentou se candidatar foi o empresário das telecomunicações Silvio Santos (PMB). Alguns esperavam que ele fosse para o segundo turno com Collor de Mello, porém sua candidatura foi cassada pelo Tribunal Superior Eleitoral por problemas legais. Os dois candidatos que disputaram o segundo turno, que ocorreu em dezembro de 1989, foram Fernando Collor e Luiz Inácio da Silva, o “Lula”.

Esse também foi um ano em que os movimentos populares estavam organizados nos partidos e nas universidades. Em vários espaços ocorriam reuniões e discussões sobre vários temas; os comitês dos partidos realizavam festas para angariar fundos e divulgar os candidatos, a militância fazia boca de urna e esperava (quem sabe?) obter alguns votos para seu candidato no último minuto. Era um momento de agitação nacional em que as massas estavam mobilizadas,

relembrando, de certa forma, a campanha das Diretas-Já.

## As charges e o humor

As eleições em questão tiveram o poder de empolgar a nação, envolvendo os cidadãos numa ampla discussão política. Foram um catalisador de forças, estimulando o debate de propostas e definindo, de forma mais ou menos nítida, os diferentes campos de disputa. Buscando preencher um pouco essa lacuna, este trabalho analisou por meio das charges, a construção da linguagem cômica sobre aquela eleição. Para tanto, buscamos a relação complexa que a linguagem daquela produção cômica específica estabelecia com o posicionamento político do jornal em que era publicada. Só assim, no âmbito desse processo ativo de constituição, é que conseguimos enfocar as aproximações e as possíveis tensões verificadas entre as charges e a postura assumida pelo periódico.

Quando nos debruçamos sobre a análise de uma representação qualquer (seja ela cômica ou não), devemos forçosamente utilizar o conceito de *linguagem*. Evitando reducionismos e abstrações em excesso, recorreremos a Raymond Williams. Assim, entendemos a linguagem como parte constituinte e, em alguma medida, definidora das práticas sociais materiais. Consideramos a linguagem das charges analisadas como parte constitutiva das práticas sociais com as quais elas se relacionavam. Quanto à concepção de humor, utilizamos a definição formulada por Jan Bremmer e Herman Roodenburg.

Para Bremmer e Roodenburg, em *Uma história cultural do humor*, é necessário compreender o humor como os historiadores o fazem. Para tanto, devemos nos afastar da visão dos

psicólogos, filósofos, sociólogos e antropólogos. Enquanto estes últimos estariam preocupados em encontrar uma teoria geral para o riso, encarando-o como algo transcultural e a-histórico, os primeiros abordariam o riso e o cômico como sensibilidades coletivas que são historicamente produzidas (BREMNER e ROODENBURG, 2000, p.16).

Já segundo Driessen, para interpretar uma sociedade é preciso lidar com os aspectos simbólicos do humor – além de reconhecer nele sua função social como delimitador das fronteiras do grupo. Ainda de acordo com o autor citado, tais fronteiras são formadas por símbolos e atitudes que exemplificam o desenvolvimento das ansiedades coletivas (BREMNER e ROODENBURG, 2000, p. 271).

Portanto, é desta forma que compreendemos as charges de Glauco e Spacca na *Folha de S. Paulo*: como uma construção cultural entendida dentro do seu tempo. Segundo Gilberto Maringoni, para que a charge seja compreendida é necessário um código comum entre o autor e o leitor - um código cultural que tenha características e particularidades locais (MARINGONI, 1996, p.89). Desta forma, ler uma charge sobre o falecido senador Antônio Carlos Magalhães publicada durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é substancialmente diferente de observar uma charge sobre a presidente Dilma Rousseff. Numa palavra, para a charge o fator tempo é de suma importância.

Ainda para Maringoni, não há charge nem humor que resista a uma explicação. Segundo o autor, os fatos devem estar na cabeça das pessoas que leem o jornal; a charge, por sua vez, somente viria como um fator

humorístico forte (MARINGONI, 1995, p. 90).

Outra característica marcante da linguagem humorística foi destacada por Derek Brewer. Para ele, a piada de um grupo pode ofender e provocar a dor do outro (BREMNER e ROODENBURG, 2000, p. 142).

Além da dor e da ofensa, os campos do trágico e do cômico podem trocar de espaço e de tempo. No caso da charge política no Brasil, os dois campos sempre estão trocando de lado devido aos deslizes constates de nossos políticos. Para Maringoni, a cumplicidade com os lugares-comuns do imaginário público deve existir, pois ninguém iria rir, por exemplo, de um japonês pão-duro ou de um alemão burro. (MARINGONI, 1996, P.88).

Portanto, para o autor, a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista (MARINGONI, 1996, p.85).

Contudo, a charge ocupa um lugar de destaque junto aos editoriais. Para Edson Carlos Romualdo, a charge se diferencia dos demais textos opinativos porque nela está sempre presente o humor (ROMUALDO, 2000, p.5)

A charge, para este autor, possui um caráter icônico. Para que ela seja decodificada e recebida, precisa estar inserida em vários contextos e dialogar com diferentes formas de linguagem (a piada, a reportagem, o editorial, a crítica sociológica etc.). Desta forma, o cômico e o crítico se inter-relacionam, transmitindo informações por meio do pictórico.

Segundo Elias Thomé Saliba, “a concisão, a antítese, o uso dos estereótipos” são os elementos que constituem o “efeito cômico”. Para ele, “o humor brota exatamente do

contraste, da estranheza e da criação de novos significados (SALIBA, 2002, pp. 16-17). É ainda Saliba quem aponta, como traço do efeito cômico, para a “incongruência repentina” inserida na “ordem corriqueira da vida”. Tal inserção não raro tem como consequência a “degradação do objeto risível”. Além disso, implica “uma certa superioridade e distanciamento daquele que ri” (SALIBA, 2002, p.20). Identificamos tais elementos do efeito cômico com certa frequência nas charges com as quais lidamos.

### As imagens dos candidatos veiculadas no jornal *Folha de S. Paulo*

As primeiras charges de 1989 abordam a questão da escolha dos candidatos pelos diferentes partidos e indagam sobre suas possíveis plataformas eleitorais. Os cartunistas Glauco e Spacca, com tanto material disponível, utilizaram o bom humor, a inteligência e a crítica, e deram às charges o impacto que teriam várias reportagens.

É interessante notar que Jânio Quadros, Ulysses Guimarães e Paulo Maluf apareceram com frequência nas charges iniciais. Jânio é representado com sua teatralidade (Figura 1) e Ulysses com as confusões que envolveram sua campanha (Figura 2). Maluf era ligado ao período da ditadura. Assim, sua candidatura era vista como inviável. Como bem mostra a charge de Spacca de 9 de setembro, mesmo sendo vaiado por brasileiros em Nova Iorque, este candidato afirmava que iria para o segundo turno. Maluf participou como “garoto propaganda” dos sapatos 752 da *Vulcabrás*. No comercial, ele dizia: “Dura muito e não deforma”. Os chargistas da *Folha* não perderam mais uma vez a oportunidade de satirizar tal situação. A charge de Spacca o mostra atirando o sapato nos eleitores que o vaiavam (Figura 3). Já Ulysses, do PMDB, apesar de todas as dificuldades enfrentadas durante a sua campanha, foi o candidato que mais apareceu nas charges durante o início da disputa eleitoral.



As charges publicadas pela *Folha de S. Paulo* desde o início retratavam como seria representada a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Sua imagem, para a mídia, estava quase sempre ligada às centrais sindicais, aos trabalhadores e às greves. Para piorar ainda mais sua figura junto à grande imprensa, o ano inteiro de 1989 foi

marcado por greves. Entre os motivos alegados para a disseminação de greves estavam o processo inflacionário, as políticas econômicas e salariais implementadas pelo governo Sarney e o próprio direito de greve garantido pela Constituição de 1988 (depois dos longos anos de ditadura). Portanto, a figura de Lula não agradava à imprensa.

Vários governos e amplos setores da indústria e das elites rechaçavam sua candidatura. Enfatizando a aversão do empresariado aos candidatos esquerdistas, uma charge de Spacca publicada em 23 de março representa os presidentiáveis Lula e Leonel Brizola (do PDT) entrando em um bar estilo faroeste (Figura 4). Nele, os dois candidatos são recebidos com olhares indesejáveis por parte de homens de cartola, alguns dos quais fumando seus proverbiais charutos (signo recorrente nas charges para caracterizar setores das elites). A cena se completa com Lula dizendo que ambos deveriam ter ido a

um “boteco” em Santo André, reduto do operariado. O chargista percebeu bem esse temor do empresariado e reforçou o humor com um quadro de Marx sendo utilizado como tiro ao alvo e a frase “empresários não apoiarão marxistas”. Glauco, em 3 de setembro, também aborda com humor essa visão sobre a esquerda brasileira ao desenhar Lula com quepe estilo revolucionário e satirizar seu discurso radical (Figura 5). Nesse mesmo dia, a *Folha* publicava matéria de primeira página com a seguinte manchete: “Lula prega governo popular para impor socialismo”.





Ao analisarmos as charges da *Folha* podemos verificar a relativa liberdade que os chargistas tiveram para exprimir os fatos políticos da campanha. Podemos notar isso, por exemplo, em uma charge de 6 de maio de 1989 sobre a campanha de Collor, candidato que se apresentava como o “caçador de marajás” (Figura 6). Tal postura era coerente com os editoriais do jornal, que procurou manter uma aparência de “imparcialidade” durante o primeiro turno das eleições, pelo menos em seu discurso mais formal e explícito.

Contudo, verificamos que o marketing político do candidato Collor lhe garantia fotos de destaque na primeira página do jornal. Isso ocorreu, por exemplo, em 30 de maio de 1989, quando a *Folha* estampou uma foto do candidato sorrindo no programa de TV “A Praça é Nossa”. É preciso ressaltar que outros candidatos também foram ao programa, porém Collor ganhou destaque na primeira página. Em 5 de junho de 1989 ele foi o entrevistado do suplemento *Folha`d*, aparecendo sorrindo em uma foto. A chamada era: “Veja o que Collor acha de Collor”. Em 5 de julho novamente aparece a foto do presidente (sempre sorrindo) sendo recebido pela primeira-ministra Margareth Thatcher em Londres. Em 11 de julho, Collor foi destaque de capa – por meio de uma foto em que ele aparecia fazendo sinal de positivo –

pelo fato de estar em primeiro lugar na pesquisa realizada pelo jornal. No mesmo mês, no dia 27, apareceu uma foto de Collor sendo recebido por d. Paulo Evaristo Arns. A manchete vinculada à foto dizia: “Covas perde o vice, PT vive crise, Collor vem a d. Paulo”. O que nos chamou a atenção foi sempre o destaque do tamanho da foto na primeira página. Notícias como “Collor gastou US\$ 550 mil sem se justificar” ganham destaque menor na página.

No entanto, a *Folha* negava, em seus editoriais, apoiar qualquer candidato. O editorial de 29 de junho, intitulado “Doa a quem doer”, destaca que “a política que orienta o tratamento jornalístico” conferido à campanha pela *Folha* é aquela que prima pela “isenção” e pelo “apartidarismo”; estes, no entanto, não excluem o “ímpeto crítico” do jornal. Neste editorial, a *Folha* critica os candidatos por suas irregularidades durante a campanha que se desenrolava. O jornal arrola tais irregularidades. Diante de tantas informações, podemos concluir que o jornal, como todo cidadão, não compartilha do comportamento e das posturas de determinados candidatos. No entanto, ao estampar certas imagens em primeira página, dava um destaque maior a um dos candidatos (Collor), transmitindo sua própria posição de maneira indireta.

O debate



A charge de Spacca, de 14 de setembro de 1989 (figura.7), dava destaque para um dos problemas que o projeto de lei que regulamentava as eleições daquele ano apresentava, como, por exemplo, entrevistar os 22 candidatos ao mesmo tempo. O editorial, de 13 de maio, também abordava o projeto de lei e destacava o atraso nas definições das regras eleitorais e para a maneira como os políticos tratavam o eleitor, um ser incapaz de discernimento num processo eleitoral livre e democrático. O editorial fazia severas críticas ao texto aprovado no senado sobre o assunto, porque este inviabilizaria a realização dos debates nas emissoras de rádio e TV, pelo menos durante o primeiro turno.

O primeiro debate televisivo seria realizado pela TV Bandeirantes, em 17 de julho. Contudo, os candidatos Collor de Mello e Ulysses Guimarães se recusaram a participar com os principais candidatos à presidência da República. As charges dos dias 17 e 19 de julho, bem como o editorial do dia 17 de julho, destacaram tal assunto. O editorial enfatizou que, apesar de ser uma estratégia política, a ausência ao debate era um desrespeito para com o eleitor, porque nele cada um dos participantes exporia suas idéias e projetos ao crivo da opinião pública. Collor não participaria porque, segundo o jornal, possuía uma expressiva vantagem em relação ao demais e, caso

participasse, seria alvo dos outros candidatos. Ulysses, por sua vez, pretenderia se preservar, já que sua candidatura não entusiasmava. Para a Folha, Collor e Ulysses mostravam desrespeito para com o eleitor e indiferença pelo debate democrático.

Na mesma edição em que o editorial acima mencionado foi publicado, o cartunista Spacca lançou uma charge que, curiosamente, mostrava muitas zonas de interseção com o posicionamento manifestado pelo jornal. Diante de alguns candidatos presentes naquele debate, Marília Gabriela afirma que o candidato Collor estava disposto a participar do debate, “com uma condição...”. No segundo quadro em que se subdivide a charge, aparece o próprio Collor com um saco na cabeça expressando claramente qual era a tal “condição”: não gastar a sua imagem. Aqui, a interlocução entre charge e editorial, em parte, parece evidente. Tal aproximação aponta para a necessidade de entendermos a produção cômica articulada com o espaço em que ela se manifesta.

### Conclusão

Em nossa pesquisa, analisamos a produção cômica das charges produzidas pelos chargistas Glauco e Spacca durante a disputa eleitoral de 1989, sempre em relação ao posicionamento político tomado pela *Folha de S. Paulo*, onde os trabalhos eram publicados. No início, esperávamos encontrar inúmeras zonas de tensão no confronto entre as charges e os editoriais do jornal. No entanto, conforme fomos analisando estas fontes, descobrimos que, no que tange às eleições, na verdade havia mais aproximações do que distanciamentos no interior daquele jornal, ao menos no que diz respeito ao posicionamento formal da *Folha*. Não obstante a relativa

autonomia desfrutada pelos cartunistas, percebemos que, no fundo, havia em suas respectivas produções uma indisfarçável afinidade com os propósitos expressos nos editoriais do jornal. Os juízos expressos pelos chargistas encontravam-se bem próximos daqueles que o próprio jornal manifestava em seus editoriais. Obviamente, isso não quer dizer que não haja tensões entre tal produção e o posicionamento do jornal – os cartunistas sempre encontram brechas para criar seus próprios discursos e dizer mais do que o jornal gostaria de expressar.

Vimos, por exemplo, que, diante da ascensão da esquerda, a *Folha de S. Paulo* – assim como outros órgãos de imprensa – manifestou ao longo da campanha um apoio mal dissimulado a Collor. Não obstante o discurso de “imparcialidade” adotado formalmente por esse jornal em seus editoriais, tal apoio, apesar de discreto, manifesta-se em diferentes momentos analisados em nossa pesquisa. No entanto, os cartunistas não parecem reforçar essa simpatia. Por outro lado, não seria exagerado dizer que as representações gráficas em torno de Lula não foram, em linhas gerais, muito severas. Apesar de uma ou outra charge caricaturar a postura supostamente “radical” do petista, quase não encontramos, nos trabalhos de Glauco e Spacca, representações em que esse candidato aparecesse em situações francamente adversas. Mesmo nas charges em que a postura “esquerdizante” de Lula é mencionada de forma mais direta, o petista não é representado de forma abertamente ofensiva.

O mesmo não podemos dizer em relação a Collor. Um exemplo flagrante de crítica severa ao candidato do PRN aparece em charge de Spacca publicada

no dia 9 de dezembro – portanto, às vésperas do segundo turno (Figura 8). A charge desse dia apresenta Collor em seu comitê, sendo observado por sua assessoria com espanto porque estava

usando um uniforme ao estilo nazista ou fascista. Diante de tal espanto, o candidato indaga: “Que foi, não gostaram? Tá muito demodé?”.



Esta charge nos chamou a atenção porque o chargista utilizou a associação direta de Collor com os movimentos totalitários. Esta forma de representar Collor na reta final da disputa relaciona-se com a impressão manifestada pelo jornal de que, diante da ascensão de Lula nas pesquisas, o candidato do PRN, para marcar posição, teria

expressado uma nítida “guinada à direita”. No entanto, o chargista poderia ter utilizado outra forma para expressar aquele “namoro” de Collor com a direita, associando, por exemplo, a figura do candidato a uma postura mais “liberalizante”. No entanto, não foi essa a escolha adotada por Spacca. Aliás, é preciso ressaltar que esta charge

desfavorável a Collor entra em conflito claro com o editorial intitulado “Surto de fascismo”, publicado na *Folha* poucos dias antes, em 2 de dezembro. Nele, quem é destacado como “autoritário” e “fascista” são os petistas e pedetistas, e não Collor. Tal acusação do editorial é uma severa crítica ao episódio em que os grupos partidários de Lula e Brizola fizeram uma manifestação contra Collor de Melo na cidade de Caxias do Sul e se enfrentaram fisicamente. O jornal qualifica essa manifestação como sendo uma “barbárie fascista”. Para os editorialistas da *Folha*, os pedetistas e petistas, tentando impedir a realização do comício de Collor de Mello naquela cidade gaúcha, teriam desencadeado um episódio de “covardia” e “truculência”. Nos comentários do editorial, a cena teria sido de “violência”, com direito a arremesso de pedras e garrafas, o que resultou em dezenas de pessoas feridas.

Portanto, nota-se que os cartunistas da *Folha*, apesar de comporem a equipe daquele jornal, conseguiam construir um espaço de autonomia por meio do qual manifestavam seus próprios posicionamentos políticos. Posicionamentos que, diga-se de

passagem, nem sempre estavam de acordo com os do jornal. No entanto, é preciso ressaltar, toda autonomia tem limites. Estes podem ser mais estreitos aqui ou mais frouxos ali. Mas nem por isso tais limites são menos efetivos. É preciso levá-los em consideração no momento em que analisamos qualquer discurso produzido pela própria equipe de um jornal. Caso contrário, não conseguiremos entender o sentido que tal discurso expressa. E as charges, obviamente, não são exceções a esta regra.

#### Referências

- BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Org.). *História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- MARINGONI, G. Humor na charge política no jornal. *Revista Comunicação e Educação*, n. 7. São Paulo: Moderna; USP. Set/dez 1996, p. 83-88.
- SALIBA, E. T. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- ROMUALDO, E. C.. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia – um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000
- WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.